

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2012

cada vez mais importante no quotidiano das populações» (p. 182). Estamos de acordo! E oxalá os órgãos de tutela estejam também!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CEM ANOS DE ESCAVAÇÕES EM MÉRIDA

Foi aprovado a 10 de Setembro de 1910 o projecto de realizar escavações em Mérida, ainda com a ideia de encontrar na cidade algo de comparável a Pompeios...

Em boa hora, porém, se lançou mãos ao empreendimento e, hoje, *Augusta Emerita*, a capital da Lusitânia romana, surge a quem a visita como uma Roma em ponto pequeno, onde tudo se encontra do que, na capital do Império, faz as delícias de quem se interessa por História e por Arqueologia.

Nessa história centenária, o Museo Nacional de Arte Romano desempenhou sempre um papel do maior relevo e, por isso, justo era que ali se realizasse uma exposição evocativa de um percurso ímpar e exemplar.

Tenho presente o livro que não é o catálogo da exposição mas que muito bem a acompanha: *Mérida 2000 Años de Historia 100 Anos de Arqueología*, que tem como coordenadores científicos José María Álvarez Martínez (director do MNAR) e Pedro Mateos Cruz e conta, como autores dos diferentes capítulos, alguns dos investigadores que mais têm dado de si à história emeritense. Foi editado, este ano de 2010, pelo Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida (ISBN: 978-84-614-2918-9).

Os coordenadores científicos traçam aí uma panorâmica do que foram estes cem anos de trabalhos arqueológicos e há, depois, uma série de artigos que versam as diferentes fases desse labor: os antecedentes (de Nebrija a 1910); a época das grandes escavações (1910-1936); o período desde o pós-guerra até à abertura (1939-1963); a «nova e frutífera etapa» de 1963 a 1986; e, finalmente, de após 1984 até agora, em que «as competências autonómicas» desempenharam um papel fundamental. Há tempo ainda para se analisarem os aspectos museográficos de apresentação da cidade romana e dos seus monumentos, assim como a singularidade do seu museu nacional e dos muitos desafios que ele tem a enfrentar. Uma 'bibliografia selectiva'

encerra o panorama, sempre acompanhado de mui elucidativas ilustrações, que contribuem para tornar o volume ainda mais aliciante.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CHANGING LANDSCAPES

Como foi noticiado, realizou-se, na manhã do passado dia 4 de Dezembro, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, a apresentação do livro *Changing Landscapes – The impact of Roman towns in the Western Mediterranean*, uma iniciativa do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora, que teve como coordenadores editoriais os professores Cristina Corsi e Frank Vermeulen, da equipa que, na actualidade, superintende aos trabalhos arqueológicos em curso na cidade romana de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão).

Procurei tecer algumas considerações acerca da oportunidade da orientação metodológica que, no domínio da Arqueologia, se está a seguir para bem enquadrar os vestígios encontrados no horizonte espacial, no território em que eles se inserem; e para se compreender porque é que a dinâmica cidade – campo assume cada vez maior importância neste dealbar do século XXI, nomeadamente se atendermos a que ganham vulto projectos de hortas urbanas, na tentativa de se quebrar uma indesejável dicotomia entre a cidade e o campo, quer no que respeita às actividades económicas quer até – e dir-se-ia, sobretudo – no que concerne às mentalidades, uma vez que as acessibilidades e os meios de Comunicação Social tendem a minimizar diferenças que foram maiores em épocas anteriores.

E até nos poderemos interrogar se o panorama que vemos no *ager* das cidades romanas, polvilhado de *villae* que eram residência das elites locais, a exercer funções e actividades em meio urbano, se não enquadra, afinal, numa dicotomia artificial, já então inexistente. E se as hodiernas noções de tempo e de espaço e do maior ou menor uso de solos mais ou menos férteis (de classe A, B ou C) poderão, sem mais, ser aplicáveis a um mundo que de nós dista mais de dois atribulados milénios.

O livro dá conta, pois, das intervenções feitas por especialistas de países do Ocidente Mediterrânico, que em Castelo de Vide e Marvão se